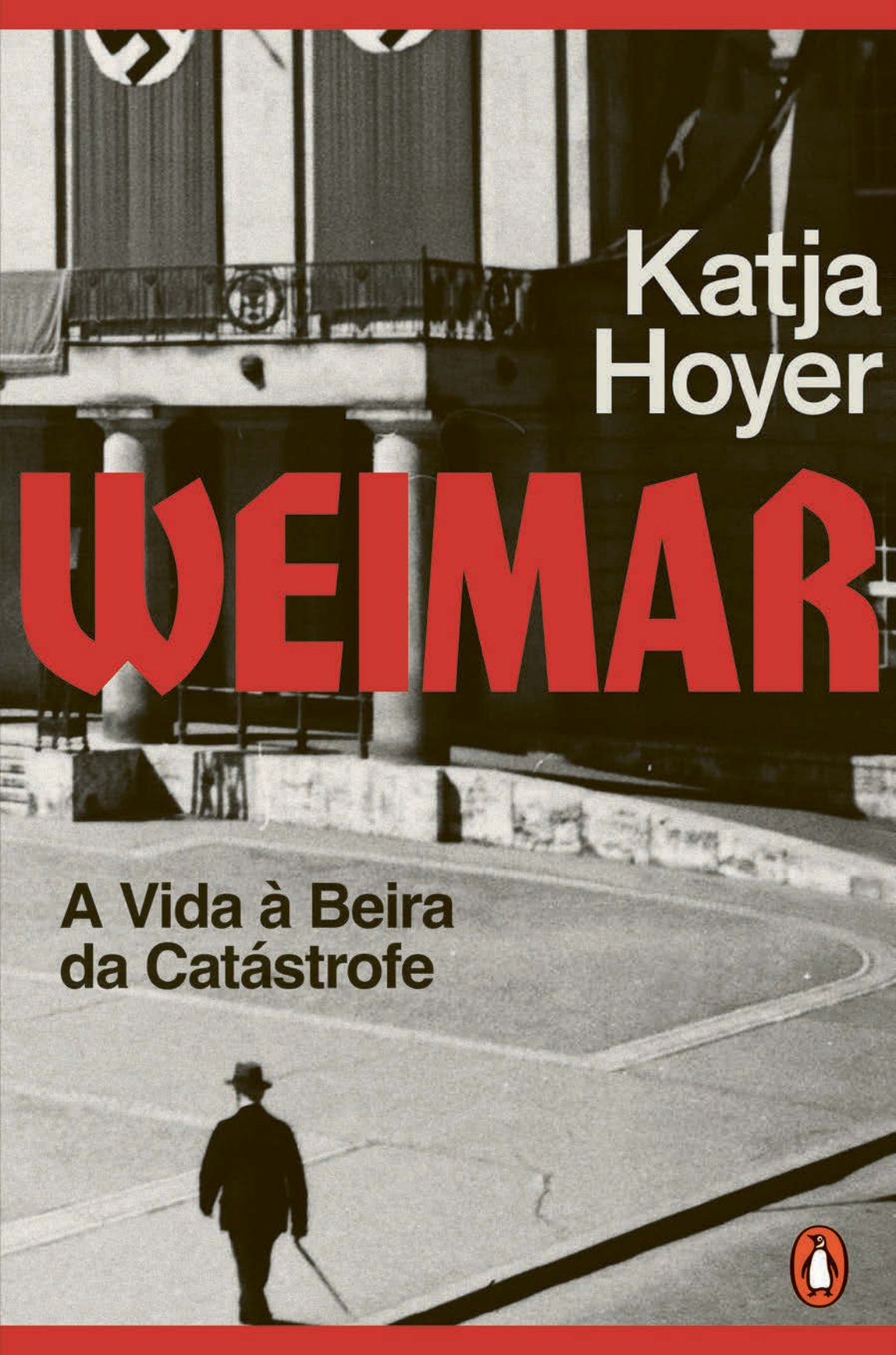




Katja
Hoyer

WEIMAR

A Vida à Beira
da Catástrofe



Em memória do meu papá

ÍNDICE

<i>Lista de ilustrações</i>	13
<i>Mapa da Alemanha</i>	16
<i>Introdução: A Alemanha em miniatura</i>	19
 Prelúdio: Guerra — Sangue e tempestade	 31
 Primeira Parte: Renascimento	 69
1919	71
1920	106
1921	123
1922	133
1923	143
 Segunda Parte: Luta	 153
1924	155
1925	175
1926	189
1927	204
1928	218
 Terceira Parte: Crise	 233
1929	235
1930	249
1931	272
1932	285

Quarta Parte: Decisões.	307
1933	309
1934	332
1935	352
1936	374
Quinta Parte: Escuridão.	393
1937	395
1938	414
1939	443
Epílogo: Guerra — Poetas e carrascos	455
 <i>Conclusão: Berlim não é Weimar</i>	469
<i>Bibliografia</i>	477
<i>Notas</i>	505
<i>Agradecimentos</i>	539

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foram feitos todos os esforços para contactar os proprietários dos direitos de autor. A autora e o editor estão disponíveis para emendar em futuras edições quaisquer erros ou omissões para que seja chamada a sua atenção.

Guardas

Frente: Mapa de Weimar em 1913, produzido por Karl Baedeker. Cortesia de Alamy.

Costas: Um mapa turístico produzido pelo Hotel Elephant, 1938. Cortesia de Landesarchiv Thüringen – Hauptstaatsarchiv Weimar, Nachlass Hermann Giesler Nr.1.

Ilustrações no texto

Karlsplatz no centro de Weimar, 1907 (hoje: Goetheplatz). Postal, via Wikimedia Commons.

Arthur Schmidt, em Alexandria, 1908 © Marie-Luise Seyfarth, Weimar. Retirada de «... und unweigerlich fuehrt der Weg nach Buchenwald»: *Der Geist von Weimar hinter Gittern*, de Udo Wohl-feld.

Rosa e Ernst Schmidt, 1915 © Marie-Luise Seyfarth, Weimar. Retirada de *Jüdische Familien in Weimar*, de Erika Müller e Harry Stein.

Elisabeth Förster-Nietzsche, 1910. Fotografia de Louis Held, via Wikimedia Commons.

Praça do Teatro em Weimar, antes da abertura da Assembleia Nacional, a 6 de fevereiro de 1919. Publicado em *Leipziger Illustrierte Zeitung*, 20 de fevereiro de 1919. Ilustração de Felix Schwormstädt.

Harry Graf Kessler, 1909. Cortesia de DLA Marbach.

Cartaz litografado para a Exposição Bauhaus de 1923 em Weimar, de Joost Schmidt, via Wikimedia Commons.

Festa da Bauhaus no restaurante Ilmschlösschen, perto de Weimar, a 29 de novembro de 1924. Cortesia de Bauhaus-Archiv Berlin.

Carl, Wilhelm e Marie Weirich, a 11 de novembro de 1927, fotografados pelo irmão de Carl, Otto Weirich. Cortesia de Stadtarchiv Weimar.

Carl e Wilhelm Weirich a caminharem perto da cidade termal de Thal, Floresta da Turíngia, 20 de maio de 1929. Cortesia de Stadtarchiv Weimar.

Wilhelm Weirich no seu 4.º aniversário, 1930. Cortesia de Stadtarchiv Weimar.

Adolf Hitler, Wilhelm Frick, Fritz Sauckel e Wilhelm Brückner, em frente ao Monumento a Goethe e Schiller em Weimar, em fevereiro de 1931. Cortesia de Ullstein Bild via Getty Images.

Kurt Nehrling e Hans Eberling © Sammlung Udo Wohlfeld.

Elisabeth Förster-Nietzsche recebendo Adolf Hitler no Arquivo Nietzsche, a 20 de julho de 1934. Cortesia de Klassik Stiftung Weimar.

Adolf Hitler com um busto do filósofo Friedrich Nietzsche no Arquivo Nietzsche, em Weimar, em 1934. Cortesia de Klassik Stiftung Weimar.

Emmy e Hermann Göring com o seu padrinho de casamento, Adolf Hitler, no dia do seu casamento, 10 de abril de 1935. Cortesia de Album / Universal Images Group / Marka.

Adolf Hitler no Hotel Elephant, 3 de julho de 1936 © *Der Führer in Weimar 1925–1938*, de Fritz Sauckel.

Primeiro de Maio em Weimar, 1937. Fotografia de Ella Beyer-Held. Cortesia de Stefan Renno, Archiv Foto-Atelier Louis Held.

Jutta Hecker, 1942 © Hannelore Gotte Archive, de *Jutta Hecker: Ein Leben für die Weimarer Klassik*, de Dankmar Bosse e Maja Rehbein.

Prisioneiros e soldados do exército dos EUA por detrás do portão do campo de concentração de Buchenwald, em abril de 1945. Fotografia de Eric Schwab. Cortesia de AFP via Getty Images.

Weimar, Theaterplatz, 1938. Fotografia desconhecido. Cortesia do Museu da Cidade de Weimar.

Detenções em massa em Buchenwald, 1938. Cortesia do Tribunal de Justiça Internacional.

Lado norte da praça do mercado em Weimar, destruída durante a Segunda Guerra Mundial (abril de 1945). Negativo em vidro. Fotografia: Wilhelm Eichhorn. Cortesia do Museu da Cidade de Weimar.

Weimar no interior da República de Weimar





Introdução

A Alemanha em miniatura

Carl Weirich fitava os fornos crematórios. Seis buracos escancarados emoldurados por ferro e tijolo. As suas pesadas portas mantinham-se abertas, revelando cavidades cheias de volumosas pilhas de cinzas. Qualquer coisa branca sobressaía no meio da escura matéria. Talvez dedos, ou costelas. Carl tinha quase 60 anos e nunca vira nada de tão horroroso na sua vida. Estava rodeado de amigos e vizinhos, mas isso não lhe servia de consolação. Todos naquele espaço estavam sós com os seus pensamentos.

Alguém tossiu. Um par de mulheres soluçava discretamente. Pareciam deslocadas nos seus coloridos vestidos primaveris, enquanto as suas mãos trémulas comprimiam lenços contra os rostos, protegendo-se do fedor da morte e da desgraça. Alguns homens e mulheres mantinham o olhar fixo no soldado norte-americano. De pé, entre as duas filas de fornos, explicava em voz firme que tinham sido usados para queimar os corpos de dezenas de milhares de seres humanos e que havia mais fábricas de morte como aquela espalhadas pela Europa. Enquanto falava, fitava os rostos acinzentados dos habitantes da cidade à sua frente, para ter a certeza de que todos o escutavam. Durante anos, dizia, alemães comuns como eles tinham vivido sob as densas colunas de fumo negro dos crematórios nazis. Todos e cada um deles tinham sido testemunhas de assassínios em massa.

Carl sentiu-se agoniado e tonto. Não comera nada desde manhã, quando ele e mais mil contrerrâneos alemães civis tinham sido forçados a empreender a marcha de duas horas até ali chegarem. Era o dia 16 de abril de 1945. Quatro dias antes, unidades do Exército dos Estados Unidos da América tinham ocupado a cidade de Weimar,

na Alemanha central, onde Carl vivia, e 8 quilômetros a noroeste, tinham feito a terrível descoberta. No meio da floresta de faias da colina de Ettersberg, encontrava-se o campo de concentração de Buchenwald. Aquilo que os norte-americanos lá encontraram era tão horrível que recebiam que as pessoas não conseguissem acreditar. E por isso, decidiram que, em nome de todos os alemães civis em toda a parte, os habitantes de Weimar deveriam ser confrontados com os horrores que se desenrolaram entre eles.

Carl Weirich encontrava-se entre a multidão que partiu da estação ferroviária de Weimar às dez da manhã. Sendo encadernador de profissão, dirigia uma papelaria no coração da cidade velha. Era demasiado velho para ter sido recrutado para combater pela Alemanha nazi nas linhas da frente, mas estava suficientemente em forma para fazer a caminhada pelas íngremes encostas. Tinha-a percorrido muitas vezes. A colina de Ettersberg era um destino popular para os habitantes de Weimar que procuravam um lugar descansado. Nos meses de verão, as suas florestas proporcionavam passeios frondosos e esplêndidas vistas sobre a cidade. No inverno, era excelente para deslizar de trenó ou de esquis.

Sentia-se estranho a percorrer os caminhos familiares que saíam de Weimar e subiam pela colina, rodeado de tantos amigos e vizinhos. Até ali ia o presidente da câmara em exercício, Erich Kloss. Estava um inesperado dia quente e brilhante. Muitos dos habitantes de Weimar pareciam quase satisfeitos por saírem durante algum tempo do meio dos destroços da sua cidade devastada pelos bombardeamentos. As pessoas falavam umas com as outras enquanto a coluna ia subindo o Ettersberg. Kloss observou que «como o sol brilhava, tudo aquilo parecia um passeio primaveril [...], as mulheres e as raparigas conversavam animadamente, curiosas e expectantes e, entre os homens, também não se viam rostos abatidos».¹

Tudo mudou quando os weimarianos passaram os portões de Buchenwald. A pura depravação moral do que ali ocorrera atingiu-os com uma força cega. Havia evidência de tortura. Os prisioneiros explicavam as formas como tinham sido atormentados pelos seus captores. Carl e os outros viram as forcas onde os prisioneiros tinham

sido executados, um bloco de madeira onde tinham sido vergados para serem açoitados, um longo poste em torno do qual os seus braços tinham sido torcidos para trás até as articulações se deslocarem e os tendões romperem.

Viram os cadáveres empilhados em carroças, com os rostos macilentos a evidenciarem o sofrimento suportado nos últimos momentos das suas vidas. O fedor dos corpos em decomposição ao sol primaveril era tão forte que algumas mulheres desmaiaram. A adolescente Edeldard Schlegelmilch hesitou quando lhe disseram que passasse por cima de um cadáver. Não conseguia suportar mais. Deteve-se e fechou os olhos. Um soldado norte-americano ordenou-lhe que os abrisse. Afinal de contas, fora essa a razão para serem ali levados: para abrirem os olhos aos crimes nazis. Edeldard obedeceu, percorrendo as cenas distópicas como se estivesse num transe. «Isto não pode ser verdade», pensou. «Deves estar a sonhar.»²

O pesadelo ainda não terminara. Foram apresentadas aos weimarianos as evidências das experiências médicas feitas com os prisioneiros e as casernas sobrelotadas. Os detidos apresentavam chagas infetadas e ferimentos. Muitos deles estavam tão magros que pareciam esqueletos animados. Tinham sido escavadas sepulturas em massa, revelando inúmeros corpos que tinham sido atirados lá para dentro sem qualquer cuidado. Talvez o mais incrível de tudo fosse uma mesa que exibía amostras de pele humana que tinham sido colecionadas pelo ex-comandante do campo e pela sua mulher. Havia cabeças reduzidas e um quebra-luz feito de pele humana. Os weimarianos repetiam sem parar que não sabiam de nada, que não faziam ideia de que aquelas coisas aconteciam e muito menos a meia dúzia de passos das camas em que dormiam.

O exército dos Estados Unidos filmou os habitantes da cidade no dia em que foram confrontados com Buchenwald. O documentário resultante, chamado *Fábricas de Morte*, ou *Die Todesmühlen*, atribuía diretamente a culpa das atrocidades nazis aos alemães comuns como Carl. «Estes alemães, aqueles que disseram que não sabiam, também foram responsáveis», insiste a voz do narrador. «Colocaram-se alegremente nas mãos de criminosos e lunáticos. Dizem que não fizeram

nada de mal, que não sabiam nada daquilo que se passava e que nada poderiam fazer se soubessem [...] Hoje, estes alemães que saudaram a destruição da humanidade na sua própria terra, que saudaram o ataque de indefesos vizinhos, que saudaram a escravização da Europa, rogam pela vossa compreensão.»³

Para Carl, a visita a Buchenwald foi como «passar pela prova do fogo». Escreveu que «foram precisos nervos de aço para ver as coisas terríveis no crematório e também nas casernas, onde ainda viviam alguns prisioneiros doentes». Poderá não o ter admitido aos norteamericanos, mas confessou no seu diário que o que testemunhara em Ettersberg tinham sido «os atrozes crimes que nós cometemos». O seu coração enchera-se de repulsa e vergonha pela «nossa derrocada alemã».⁴ Não havia como escapar a isso. Não longe da sua casa, dezenas de milhares de pessoas tinham sido assassinadas por um regime saudado por milhões de alemães. Carl não fora exceção.

Como muitos alemães da sua geração, Carl não passou muito tempo a ponderar sobre a sua própria responsabilidade naquilo que acontecera. Focou o seu espírito nas ameaças imediatas a si próprio e à sua família, na mágoa, no trauma, na fome e na destruição. Caberia às gerações posteriores retirar conclusões de um dos mais escuros capítulos da história humana e decidir o que poderiam aprender com isso.

A questão do como e do porquê de uma nação que se orgulha da sua cultura e civilidade permitir a catástrofe do nazismo assombra-nos até hoje, porque tememos a sua repetição. Não se trata de uma mera questão histórica. «Aconteceu, por isso pode acontecer de novo», avisou o sobrevivente do Holocausto, Primo Levi. Apesar das muitas páginas escritas acerca da ascensão e domínio do Terceiro Reich, vale a pena reanalisar a questão a nível granular. Como é que a Alemanha, em poucos anos, passou de uma das democracias mais liberais do mundo a uma ditadura genocida? Quais as escolhas feitas individualmente pelos alemães que o permitiram? Uma das peças cruciais neste quebra-cabeças do século xx é a cidade de Weimar.

Weimar está localizada no coração da Alemanha. Num mapa do país está ligeiramente descentrada, a cerca de meio caminho entre

Hamburgo e Munique. É uma cidade singular, consciente da história e da tradição, possuindo ambas em abundância. Nas suas ruas empedradas erguem-se casas com estruturas em madeira, elegantes vivendas, igrejas, palácios e árvores de copas verde-escuras. Situada no vale do rio Ilm, os seus frondosos parques são tão vastos que um escritor do século XIX brincou dizendo que «Weimar é na realidade um parque que tem uma cidade».⁵ Weimar atraiu muitos residentes famosos. Johann Wolfgang von Goethe, largamente visto como o poeta nacional alemão, aí viveu e trabalhou com o seu amigo e também escritor Friedrich Schiller. Johann Sebastian Bach residiu em Weimar durante anos, tal como outro compositor, Franz Liszt, e o filósofo Friedrich Nietzsche. O lugar de Weimar na história cultural alemã excede em muito a sua dimensão física.

«Weimar é a Alemanha em miniatura», disse uma vez o antigo presidente alemão Roman Herzog, «uma cidade em que não só a cultura e o pensamento se sentiam em casa, mas também o filisteísmo e a barbárie.»⁶ Weimar há muito que tem sido o farol cultural da Alemanha, mas, durante algum tempo, foi também o seu coração das trevas. Representa tudo o que o país ganhou, perdeu, sofreu e infligiu. E nunca isso foi tão verdade como durante o tumultuoso período entre as duas guerras mundiais, de 1919 a 1939.

A cidade que fora outrora o lar de alguns dos maiores espíritos da Europa parecia o lugar ideal para a Alemanha se reinventar após o horror e a humilhação da Primeira Guerra Mundial. Foi aí que, em 1919, uma nova constituição inaugurou uma nova Alemanha, carimbando o nome da cidade na primeira tentativa de uma completa democracia no país: a República de Weimar. Poucas pessoas fora da Alemanha conseguiriam apontar a cidade de Weimar num mapa. No entanto, o seu nome evoca ideias de nobres experiências e ideais caídos.

Durante o período dos vinte anos seguintes, Weimar captou também a imaginação daqueles que procuravam destruir a democracia. Era precisamente o fascínio da cidade como o local da cultura e da tradição alemãs que fez com que Hitler a visitasse quarenta vezes e que levou o Partido Nazi a escolhê-la como lugar de reagrupamento

após as suas derrotas iniciais. O primeiro comício formal do Partido Nazi foi realizado em Weimar em 1926, antes de estes serem encenados em Nuremberga. Foi em Weimar que a Juventude Hitleriana recebeu o seu nome e onde rituais nazis cruciais, como a saudação hitleriana, foram apresentados ao público pela primeira vez. O estado da Turíngia, do qual Weimar era a capital, levantou as sanções sobre Hitler e o Partido Nazi antes de qualquer outro estado alemão, depois da sua falhada tentativa de golpe em Munique, em 1923. Weimar tornou-se um santuário para o movimento, um campo de teste para as ideias nazis. O apoio inicial ao nazismo implicou também que muitos dos lugar-tenentes em que Hitler mais confiava fossem de Weimar, homens como o líder da Juventude Hitleriana, Baldur von Schirach, e o seu secretário pessoal, Martin Bormann. Não deixa de ser uma amarga ironia que tenha sido também Hitler o primeiro a cunhar o termo «República de Weimar». Oficialmente, o estado continuava a chamar-se Reich Alemão. Mas, em 1929, o futuro ditador e outros inimigos da frágil democracia usaram o seu décimo aniversário para a ridicularizar com um sistema alegadamente não-alemão, usando o termo «República de Weimar» de uma forma derogatória, pouco antes do seu desaparecimento.

Entre 1919 e 1939, os habitantes de Weimar foram levados pelas marés históricas que engoliram o seu país. Muitos dos seus residentes contribuíram para as tempestades do período entre guerras. Weimar tornou-se o local de nascimento da influente escola Bauhaus de arte e *design*, mas também o local da qual foi expulsa, quando a reação conservadora contra a sua arte experimental cresceu. O Teatro Nacional da cidade floresceu na tensão entre o tradicionalismo e a arte vanguardista que marcou o período. O seu novo diretor de espírito liberal, Ernst Hardt, queria que se tornasse um marco de referência tanto para o teatro tradicional como para o moderno e que a própria cidade se tornasse um farol da nova cultura alemã.

No início da década de 1920, as mentes criativas foram atraídas para Weimar, a qual se tornou rapidamente um ponto focal para a crise existencial que tomou conta da Alemanha após a Grande Guerra. Quando Walter Gropius concordou em instalar-se em Weimar e aí

construir a Bauhaus, a cidade conseguiu atrair um dos nomes mais influentes na arquitetura. Seguiram-se muitas outras figuras ilustres, entre elas o pintor russo Wassily Kandinsky e o artista Paul Klee, natural da Suíça, que proferiram palestras na escola de Gropius. Em 1924, a pressão nacionalista sobre os liberais da cidade intensificou-se a um ponto que muitos acharam insuportável. O diretor do teatro, Hardt, cedeu sob os azedos ataques pessoais que lhe moveram e demitiu-se. Cada vez mais, os nacionalistas e os nazis começaram a usar o teatro para as suas convenções.

Como lugar da cultura alemã, Weimar estava visivelmente nazificada quando o fascismo chegou ao poder. O hotel favorito de Hitler, o Elephant, no centro da cidade, foi demolido e reconstruído segundo as suas especificações, incluindo um apartamento privado para seu uso exclusivo. Enquanto muitos outros projetos do mesmo gênero eram planeados, Weimar foi a única capital regional da Alemanha nazi a receber um «Fórum Gau» — um complexo local do Partido Nazi, com uma praça para desfiles, um «Salão do Povo» e edifícios administrativos para organismos como a Gestapo, a temida polícia secreta. Com esse fim, a disposição das ruas foi redesenhada, continuando a marcar a paisagem urbana até hoje.

A maioria dos habitantes de Weimar fingiu não ver o estabelecimento do ignóbil campo de concentração de Buchenwald ali mesmo à sua porta, e continuaria a fazê-lo mesmo quando começaram a chegar dezenas de milhares de prisioneiros à sua estação ferroviária. Construído em 1937, seria o maior desses campos no Reich alemão, encarcerando quase 280 mil pessoas ao todo nas instalações centrais e nos seus campos adjacentes. Estava localizado muito perto do Castelo de Ettersburg, onde Goethe, Schiller e outras figuras do cânone literário alemão outrora tinham conversado e escrito. A sua proximidade com o idealizado coração da cultura alemã era tal que mesmo as organizações pró-nazis a achavam desconfortável. A secção de Weimar da Comunidade Cultural Nacional-Socialista, desejosa de vincar a distância entre o barbarismo que aí iria ter lugar e os heróis literários do país, frisou perante a comissão de planeamento que em nenhuma circunstância o local deveria ser

designado segundo a famosa colina, ou o castelo, ou qualquer outra coisa associada à «era clássica» da cidade. O nome neutro «Buchenwald» («Floresta das Faias») foi escolhido, permitindo que os habitantes de Weimar negassem qualquer ligação com os monstruosos crimes que aí foram cometidos. Só no primeiro ano, morreram 48 pessoas em Buchenwald. Em abril de 1945, quando foi libertado, o total de mortes atingia os 56 mil.

A ligação entre Buchenwald e Weimar não pode ser cortada. Era na estação ferroviária da cidade que os prisioneiros chegavam. Era para o crematório da cidade que os corpos dos que morriam eram levados entre 1937 e 1940, para serem queimados e sepultados, antes de o campo ter o seu próprio crematório. Os cidadãos de Weimar partilhavam instalações como o jardim zoológico do campo, instalado para diversão do pessoal das SS. A inscrição no portão do campo, que dizia «Jedem das Seine» («A Cada Um o Que É Seu»),¹ foi desenhada pelo antigo estudante da Bauhaus Franz Erlich, que fora preso pelos nazis em 1935 e que se tornou um dos primeiros prisioneiros de Buchenwald em setembro de 1937. Utilizou um tipo tipográfico da Bauhaus para a inscrição. O campo de concentração de que Weimar estava tão empenhada em se dissociar ostentava agora a sua marca com um produto da cultura que a cidade tinha primeiro fomentado e, depois, expulsado.

Muitos residentes de Weimar não só desviaram o olhar, como promoveram ativamente a ideologia de Hitler. Os resultados eleitorais nazis eram mais elevados do que a média alemã. Weimar foi a sede do primeiro governo estadual a nomear um ministro nazi em 1930, três anos antes de Hitler se tornar Chanceler da Alemanha. Contudo, a cidade continuava também a ser a sede da editora Cranach Press, dirigida pelo diplomata liberal anglo-alemão e escritor Harry Graf von Kessler, que promovia a Liga das Nações. Na sua sobreposição dos picos da modernidade e do abismo do nazismo, Weimar era a Alemanha entre guerras em miniatura.

¹ Tradução alemã da fórmula jurídica latina «*suum cuique*», em geral utilizada num contexto de justiça distributiva, o que realça a ironia da sua apropriação pela ideologia nazi. [N. do T.]

Muitos daqueles cujos anos de formação foram passados em Weimar na década de 1920 fizeram opções notavelmente contrastantes na de 1930. Veja-se o caso de Marlene Dietrich, de 18 anos, enviada para Weimar para aprender com os melhores músicos e artistas da altura. Ou Walter Gropius, fundador da escola Bauhaus. Nenhum deles conseguiu suportar a vida na Alemanha nazi. Ambos preferiram viver nos Estados Unidos a permanecer num país governado por Hitler. Dietrich renunciou à sua cidadania alemã em 1939 e tornou-se norte-americana. Outros habitantes de Weimar fizeram escolhas diferentes que os ligaram intrinsecamente ao destino da nação. Emmy Sonnemann trabalhava como atriz no Teatro Nacional Alemão em Weimar, desde 1922. Dez anos depois, a sua vida mudaria para sempre. Um dia, em 1932, aconteceu estar sentada no Kaiser Café quando um homem fardado de aspeto importante meteu conversa com ela. Era Hermann Göring. Tornaram-se um casal e casaram em 1935. Hitler foi o padrinho de casamento.

Weimar, a cidade que estava destinada a emprestar o seu nome à renovação democrática da Alemanha, tornou-se sinónimo de desaire catastrófico da sua experimentação política, o que se refletiu nas vidas contrastantes dos seus residentes. Que papéis desempenharam nesse processo? Os ocupantes norte-americanos teriam razão em sugerir que «também eram responsáveis», por se terem «colocado alegremente nas mãos de criminosos e lunáticos»? Ninguém é inteiramente livre de agir fora das circunstâncias em que se encontra. Mas isso não significa que as pessoas não tenham capacidade de ação. A Alemanha de entre guerras desde há muito que fascina os académicos e o público em geral porque materializa a tensão entre o individual e o coletivo, entre a inevitabilidade e a responsabilidade.

Para muitos alemães, parecia que a sua vida vacilava permanentemente à beira da catástrofe depois da Primeira Guerra Mundial. Sentiam-se prisioneiros de forças maiores do que as de qualquer indivíduo e, mais tarde, diriam ao mundo e a si próprios que não havia nada que pudessem ter feito para evitar a queda da sua nação. Outros atormentavam-se com perguntas acerca das suas tragédias pessoais: poderiam ter salvado um ente querido, as suas famílias ou

a si próprios da miséria, do desgosto e da aniquilação? A forma como hoje contamos e ensinamos a história da Alemanha entre guerras sugere não só que poderiam, mas que deveriam ter agido de forma diferente, que havia uma maneira de resgatar a história da beira do precipício. Trata-se de um momento no tempo a que regressamos em busca de lições, porque aquilo que estava em jogo não poderia ser mais importante. O destino da democracia, da Alemanha, de dezenas de milhões de vidas comuns e da própria Europa estavam em questão.

Este livro conta as histórias das pessoas de Weimar — as ilustres e as comuns — no sentido de analisar o impacto e, muitas vezes, também a futilidade das decisões pessoais tomadas face a forças históricas sísmicas. No centro da história está Carl Weirich, proprietário de uma loja, de classe média, que chegou a Weimar em 1914 com grandes esperanças para o futuro, para afinal se deparar com duas guerras mundiais e uma infinidade de crises que iriam atingir o seu negócio e a sua família. O encadernador era fascinado pelo papel, pela tinta, pelas máquinas de escrever e pela palavra escrita. Conservava um meticuloso diário, que pormenoriza a história da sua vida. Verifiquei os acontecimentos e as pessoas referidas por uma questão de precisão histórica e descobri que os seus registos estavam corretos sempre que são mencionados factos específicos. A escrita de Carl é muitas vezes surpreendentemente franca, fornecendo um vislumbre único e pormenorizado da sua vida entre guerras. Todo o discurso direto, dele e de outros, citado neste livro resulta de registos históricos.

As mulheres de Weimar foram também apanhadas pelos acontecimentos e tentaram moldar o seu próprio destino dentro dos limites de que dispunham. Havia Rosa Schmidt, uma hoteleira suíça que dirigia o Hotel Hohenzollern, mesmo ao pé da estação de comboios. Era casada com Arthur Schmidt, que provinha de uma antiga família de Weimar e lutara na Primeira Guerra Mundial. O casal debateu-se para manter o seu negócio à tona durante os desafiantes anos do pós-guerra e da hiperinflação. Era no seu Hotel

Hohenzollern que Hitler permanecia durante as suas primeiras visitas a Weimar.

Na outra extremidade da cidade, Elisabeth Förster-Nietzsche dirigia um arquivo que continha os restos literários do seu falecido irmão, Friedrich Nietzsche. Depois de o famoso filósofo sofrer um colapso mental, a irmã tornou-se sua cuidadora e administradora automeada do seu legado. Permanentemente em apuros financeiros, ela e o Arquivo Nietzsche dependiam do financiamento de generosos doadores e dos vários governos do período entre guerras. Embora de início não ficasse impressionada com Hitler, Elisabeth cedo abraçou o nazismo e o nazismo abraçou Nietzsche. Apesar das suas opções políticas, o mais antigo amigo de Elisabeth continuou a ser o liberal Harry Graf Kessler. O par escreveu frequentemente animadas cartas um ao outro, em que muitas vezes referiam conversas pessoais que ocorriam durante as visitas de Harry à vivenda de Elisabeth em Weimar. Juntamente com as pormenorizadas entradas do diário de Harry, formam um rico manancial de fontes históricas.

Alguns, poucos, habitantes de Weimar resistiram ativamente ao nazismo. Um deles foi Kurt Nehrling, um jovem social-democrata que regressara do seu breve serviço militar com um debilitante caso de tuberculose. Nem esta nem os golpes do seu destino pessoal o impediram de lutar pelas suas convicções. O que o colocou a ele e à família em grave perigo, embora as suas ações nunca tivessem sido suficientes para incomodar os nazis no seu percurso. A história da vida de Kurt é reconstruída através de cartas, documentos oficiais e descrições dos seus amigos e camaradas.

Estes e muitos outros weimarianos formam a paisagem humana deste livro. Embora representem diferentes grupos etários, géneros, classes sociais e respostas à tumultuosa era por que passaram, não deverão ser vistos como tipos exemplares. Cada indivíduo foi um ser humano real com as suas complexas circunstâncias próprias, motivos e espaço de manobra. Embora as suas histórias se combinem naquilo que muitos poderão ver como uma história moral, é difícil, e muitas vezes inútil, julgar o comportamento das pessoas a partir de uma

distância retrospectiva de um século. Mantive num nível mínimo o meu comentário e a minha análise como historiadora, permitindo que os leitores observem os acontecimentos, as decisões e os desenvolvimentos à medida que se desenrolam.

Se pretendermos evitar os erros cometidos pelas pessoas no passado, o primeiro passo é compreender as razões para os terem cometido. A democracia e a civilização são conservadas ou destruídas pelas escolhas que fazemos como indivíduos e como sociedades. Não há quantidade de história, tradição e cultura suficientes para salvaguardar a tomada de poder de uma ideologia totalitária impiedosa. Não há para isso melhor caso de estudo do que Weimar entre as guerras.

Prelúdio: Guerra

Sangue e tempestade

Carl Weirich abandonou a luz do sol e entrou na pequena loja no centro de Weimar. O interior cheirava a livros e cabedal. As estantes a abarrotar e os armários com portas de vidro mostravam canetas, postais, máquinas de escrever e frascos de tinta. Cadernos, réguas, lápis e pincéis esperavam as crianças que viriam buscar materiais para o próximo ano escolar. No coração de Carl misturavam-se o entusiasmo e a ansiedade. Era agora: a sua nova vida em Weimar.

Estávamos a 28 de abril de 1914 e Carl viajara 75 quilómetros de comboio desde a sua cidade natal de Eisenach nessa manhã. Chegara à elegante estação ferroviária de Weimar e percorrera a Sophienstraße, a comprida e larga avenida que levava à cidade velha. Tentava assimilar tudo: os hotéis que rodeavam a grande praça em frente à estação, o Museu Grão-Ducal que surgiu após uma curta caminhada, o viaduto e o parque a seguir. A estrada principal era partilhada por carruagens puxadas a cavalo, um ou outro automóvel e um elétrico com uma carruagem que transportava os habitantes e os visitantes para cima e para baixo, entre o centro da cidade e a estação de comboios. Tudo lhe parecia maravilhoso. Weimar. Esta famosa cidade no coração da Alemanha fora outrora o lar de muitos dos maiores poetas, pensadores, músicos e filósofos do país. Em breve seria a casa de Carl.

Animado com a perspectiva, passou pelos correios, atravessou a Karlplatz sob as suas grandes árvores e virou à esquerda para a Geleitstraße. O som da água tinha no ar enquanto caminhava pela rua calçada e passava por uma fonte e pelo Hotel Chemnitz. Quando chegou ao número 10, parou e ergueu o olhar. A placa sobre a grande



A Karlplatz de Weimar em 1907.

montra dizia «Richard Straubel». Aquela bem estabelecida papelaria estava para alugar. Era a oportunidade para Carl estabelecer raízes e construir algo para si próprio. A sua vida e a sua profissão revolviam em torno de livros, escrita e impressão. Que melhor lugar para um novo início do que Weimar?

Carl sentia que chegara a altura de assentar. Levava mais tempo do que a maioria a aprender um ofício, a viajar e a ver o mundo. Tinha agora 28 anos, um homem magro de cabelo louro claro, nariz afilado e rosto amistoso e aberto. Era o mais novo de cinco irmãos, o único da sua família chegada a levar ainda aquele tipo de vida. Nascido em 1885, filho do encadernador Andreas Weirich, que dirigia um bem-sucedido negócio de papelaria em Eisenach, crescera à sombra do famoso Castelo de Wartburg, onde Martinho Lutero traduzira o Novo Testamento da Bíblia para alemão e precipitara uma revolução religiosa que mudaria o mundo. Eisenach atraía um contínuo e lucrativo fluxo de turismo de toda a Europa. Os Weirich dirigiam uma loja florescente, que oferecia simultaneamente serviços de encadernação e recordações turísticas de Wartburg. Estavam financeiramente confortáveis, para não dizer abastados, e Carl tivera uma infância idílica, caminhando pelas montanhas e cantando canções populares com a família. No lar protestante, a «disciplina de ferro» do pai era contrabalançada pela bondade da mãe.¹ Ambos

trabalhavam arduamente na loja para que, um dia, pudessem ajudar todos os seus filhos a aproveitar ao máximo as suas vidas. E, agora, chegara a vez de Carl.

Fora-lhe oferecida a oportunidade de começar o seu próprio negócio quando o idoso dono da loja de papelaria, Richard Straubel, decidiu que chegara a hora de se reformar, depois de ter dirigido o seu negócio no coração da cidade velha de Weimar durante vinte e oito anos. Estava idealmente situada perto do Hotel Chemnitz e não longe de muitos hotéis e atrações turísticas, podendo fornecer os habitantes locais com equipamento escolar, papel e serviços de encadernação, ao mesmo tempo que os visitantes compravam postais e recordações. Mudaria de mãos por 1000 marcos de renda e 11 500 marcos para comprar o material em armazém, uma quantia de que os pais de Carl pagariam 7000 agora e 4500, com juros, em 1917. O seu irmão, Arno, um mestre encadernador e precisamente doze anos mais velho (ambos tinham nascido a 9 de novembro), acompanhava Carl para se inteirar da situação e o tranquilizar. Ambos adoraram o que viram. O caso estava resolvido. Carl mudar-se-ia para Weimar. «E, assim, o meu caminho estava bem preparado graças ao amor e ao apoio dos meus pais», refletiu no seu diário.²

Os pais de Carl compraram também um espartano conjunto de mobiliário para o filho. A 1 de maio, mudou-se para o pequeno quarto por cima da loja, até casar e iniciar a sua própria família. Uma escada de ferro em espiral conduzia aos simples aposentos de Carl, que pouco mais continham do que uma cama, uma mesa e uma cadeira. Comia o almoço no talho da Frau Gerlach na porta ao lado e ficava grato quando a Frau Straubel, mulher do antigo dono, lhe fazia de quando em vez uma chávena de chá. Os idosos Straubel continuavam a viver no prédio, o que era de uma enorme vantagem para Carl, que não tinha quaisquer contactos em Weimar. A Frau Straubel aparecia regularmente na loja, surgindo ao lado do jovem para facilitar a transição dos clientes habituais com um alegre: «Apresento-vos aqui o nosso sucessor, Weirich.»³ Mas Frau Straubel tornou claro que os seus serviços tinham os dias contados, incitando Carl a casar-se para que houvesse outra pessoa a fazer-lhe o chá e a ajudá-lo na loja. Cedo

percebeu que não era preciso dizer-lhe duas vezes. No dia em que se mudou, oito «rosas vermelho-vivo» chegaram ao número 10 da GeleitstraÙe para celebrar o novo emprego e a nova vida em Weimar.⁴ Eram da namorada de Carl, Friedel.

Rosa Schmidt berrava e contorcia-se enquanto as dores agudas do trabalho de parto a invadiam uma e outra vez. Travava uma solitária batalha para dar  luz o seu terceiro filho em Alexandria, no Egito. Tinha 31 anos e estava a milhares de quilmetros da sua terra. A sua família era natural de Źłkiew, agora Zhovkva, na Ucrânia ocidental. A cidade medieval fora uma terra polaca, mas encontrava-se no Império Austro-Húngaro quando Rosa l nascera, em 1882. Liderada pela sua mãe, Sarah Grill-Freimann, a família vivia lado a lado com judeus, ucranianos, armênios e polacos.

Tudo isso era passado. Sarah Grill-Freimann era agora Rosa Schmidt, uma mulher pequenina de cabelo ondulado e calorosos olhos castanhos. O seu novo nome abrira um novo capítulo na sua vida. Juntamente com o seu marido, Arthur, três anos mais velho, instalara-se em Alexandria, no Egito controlado pelos britânicos. Ali os recém-casados começaram a dirigir um concorrido hotel. Arthur, um homem magro e elegante cujo rosto de traços fortes era enquadrado pelo cabelo de risco ao lado e uma pera e bigode cuidadosamente aparados, trabalhava como chefe de mesa. Rosa ajudava onde era preciso enquanto cuidava dos seus primeiros dois filhos: Alexandra, de 9 anos, e Arthur, de 7.

O par conhecera-se pela primeira vez num navio de cruzeiro onde Arthur trabalhava como comissrio de bordo e cozinheiro e Rosa como cuidadora de crianças. Percorrendo juntos os mares, apaixonaram-se e depressa casaram. O trabalho e o amor pela aventura juntara-os, apesar de terem antecedentes muito diferentes. Rosa vinha de uma das famílias judaicas que constituíam metade da população de Źłkiew. Arthur nascera numa família protestante em Weimar. O seu pai, Hermann Schmidt, era fabricante de escovas, mas o filho não lhe seguiu os passos. Havia algo que puxava o jovem para fora da sua sonolenta cidade natal. Trabalhar num navio de cruzeiro

permitir-lhe-ia ver o mundo apesar da sua modesta condição. Como o seu futuro marido, Rosa também desejava viajar e trabalhar e inscreveu-se para tomar conta das crianças dos passageiros abastados no mesmo navio. O espírito aventureiro que juntou o casal iria moldar as suas vidas. Como Herr e Frau Schmidt, instalaram-se em Alexandria, começaram uma família e construíram a sua vida a milhares de quilómetros das suas terras natais.

Por muito que amasse a sua mulher, Arthur não estava ali para apoiar Rosa enquanto ela dava à luz o terceiro filho. Estava a 3000 quilómetros de distância, em Weimar, a visitar a família. Levara consigo Alexandra e Arthur, enquanto a mãe em estado avançado de gravidez ficara a tomar conta do negócio e também porque uma longa viagem por terra e por mar teria sido perigosa para ela naquele estado. Rosa desenvencilhou-se. A 28 de janeiro de 1914, deu à luz um saudável rapaz que seria batizado Ernst. Mal podia esperar para apresentar o bebé ao pai e aos irmãos, que deveriam regressar dentro de poucos meses. Não fazia ideia de que a história cedo aniquilaria esses planos e mudaria para sempre a sua vida.

Ao mesmo tempo que Carl Weirich viajava para Weimar, na primavera de 1914, Johannes Wagner, a quem chamavam Hanns, partia. O adolescente deixou a sua cidade natal e alugou um pequeno quarto



Arthur Schmidt em Alexandria, 1908.

na cidade universitária de Jena, alguns quilómetros a sudeste de Weimar. Era aí que queria aprender a arte da impressão de livros. Um jovem louro e de olhos claros de 17 anos, Hanns vinha de uma família de impressores. O seu avô Robert fundara a «Casa Impressora R. Wagner» em Weimar, em 1879 e, quando morrera em 1893, legou-a ao seu filho Alfred. Hanns nasceu quatro anos depois e, sendo o único filho de Alfred, sabia que um dia herdaria o negócio.

Tendo crescido rodeado de livros e a aprender como se faziam, apaixonou-se pela leitura desde tenra infância — a tal ponto que os pais tentaram refreá-lo. Era particularmente seduzido pelo pensador alemão Arthur Schopenhauer, cuja filosofia sempre atraiu quem anda em busca de sentido e propósito. O rapaz lia à luz da candeia até às primeiras horas da manhã. O seu quarto no sótão do impressionante prédio de quatro andares que o pai construía no número 7 da Rollplatz, tornou-se o seu amado refúgio.

Hanns amava também os animais e a natureza. Tinha um aquário com salamandras, cobras de água e rãs. Um dia, quando introduziu uma pequena tartaruga no interior daquele microcosmo, aprendeu uma dura lição de vida. Hanns estava a fazer os trabalhos de casa quando ouviu um terrível ruído de angústia. Percebeu que vinha do aquário e precipitou-se na sua direção, para ver a cabeça e os braços de uma rã dependurados da boca da tartaruga. Engolira já uma das pernas e um bocado do quadril da criatura. A rã guinchava lastimosamente e parecia olhar acusadoramente Hanns, com uns olhos que brilhavam de dor mortal. O rapaz não sabia o que havia de fazer. Imobilizado, viu a pobre criatura a ser vagarosamente devorada viva. «Foi medonho», recordou mais tarde, «e, pela primeira vez, tive uma duradoura impressão da crueldade da natureza.»⁵

A 1 de agosto de 1914, a Alemanha e a Rússia enviaram declarações de guerra uma à outra, pondo em movimento uma cadeia de acontecimentos que não deixaria incólume qualquer vida na Europa. Nove milhões de pessoas morreriam em combate durante a Primeira Guerra Mundial, a qual devastou a Europa entre agosto de 1914 e novembro de 1918. Dois milhões de alemães estariam entre os mortos.

Durante agosto de 1914, Weimar experimentou a mesma mistura eletrizante de júbilo e medo que o resto do país. Foi uma estranha transformação. Um local que se orgulhava da sua civilidade e elevada cultura tornou-se uma cidade aquartelada. Os seus soldados profissionais, parte do 5.º Regimento de Infantaria da Turíngia N.º 94, descobriram que o país estava em guerra enquanto estavam envolvidos num exercício regular em Ohrdruf, na Turíngia central. Quando os homens partiram das suas estações ferroviárias locais a 28 de julho, havia já alguma inquietação. Um repórter local observava: «Agora, nesta hora fatídica, a imagem dos comboios militares a partir impressiona o observador de uma maneira especial.» Alguns dos soldados interrogavam-se mesmo se voltariam a ver a sua terra natal. «Bem, com certeza que não será assim tão mau», comentou o jornalista.⁶

Assim que rebentou a guerra, os homens foram imediatamente chamados. Regressaram ao quartel, a que puseram a alcunha de «Acrópole de Weimar», pois o imponente edifício destacava-se acima do centro da cidade, numa colina a leste. Além das tropas regulares, muitos voluntários, reservistas e forças milicianas do chamado Landwehr afluíam à cidade. A sua energia frenética era contagiante e a sonolenta Weimar tornou-se um foco de atividade.

Em poucos dias, as coisas escalaram. A 3 de agosto, a Alemanha e a França declararam guerra uma à outra. No dia seguinte, a Alemanha invadiu a Bélgica neutral, fazendo com que a Grã-Bretanha declarasse guerra à Alemanha. Tanto o entusiasmo como o alarme espalharam-se como fogo na planície. Os agricultores locais temiam o que aconteceria às colheitas se fossem recrutados. Seguiu-se o pânico das compras. A sucursal do Partido Social Democrata (SPD na sigla original) de Weimar avisava que «A nossa pátria alemã está à beira do abismo [...], a nossa pátria ficará exposta a uma catástrofe nacional numa escala como o mundo nunca viu».⁷

Os estrangeiros eram olhados com uma suspeita desmedida. Não havia exceção para residentes célebres de Weimar como Henry van de Velde. O venerando *designer* e arquiteto belga tornara-se uma das figuras proeminentes do movimento Jugendstil, a reação da

Alemanha à Art Nouveau. Agora, fora colocado sob vigilância policial. Os verdadeiros criminosos condenados por pequenos crimes como furto ou fraude receberam uma amnistia de Wilhelm Ernst, grão-duque de Saxe-Weimar-Eisenach, para que pudessem ser recrutados para o serviço militar.

Todos os partidos políticos representados no Reichstag, o parlamento alemão, concordaram em apoiar completamente o esforço de guerra e os seus ramos locais seguiram essa orientação. O SPD de Weimar cancelou um evento «Abaixo a Guerra!», calendarizado para 3 de agosto.⁸ As poucas vozes dissidentes foram silenciadas ou silenciaram-se por mote próprio, em nome da unidade nacional.

A 7 de agosto, o batalhão de infantaria de Weimar foi considerado pronto para partir para a Bélgica. Ao meio-dia, os homens reuniram-se para uma despedida celebratória no pátio do Schloss, o palácio de Weimar e residência ancestral dos grão-duques de Saxe-Weimar-Eisenach. A disposição era sombria enquanto os soldados permaneciam em formação, escutando o serviço religioso pronunciado pelo clérigo Karl Trainer, que declarava que os inimigos da Alemanha «empurraram a espada para as nossas mãos».⁹ No dia seguinte, o Regimento 94 partiu da Turíngia para St. Vith, uma pitoresca cidade junto à fronteira belga. Os comboios iam decorados com flores e juntaram-se multidões na estação para os ver partir, entre vivas e desejos de boa sorte. O *Jenaer Volksblatt* noticiava que «Os bravos defensores da pátria, que agora passam pela estação de Weimar-Gera em compridos comboios, não apenas ostentam um confiante otimismo guerreiro, mas também um refrescante sentido de humor».¹⁰ Alguém pintara uma imagem de Deutscher Michel, uma bem conhecida personificação da Alemanha, na parte lateral da locomotiva. Envergando o seu habitual barrete, Michel recostava-se na sua poltrona, fumando cachimbo. O seu pé direito repousava descontraidamente sobre um «bando de russos e franceses que se comprimiam lastimavelmente sob o seu peso».¹¹ Mas o *Weimarische Volkszeitung*, de esquerda, detetava uma tendência de inquietação. Assim que um dos comboios se perdeu de vista, afirmava, a estação sossegou e «a gravidade da hora tornou-se uma certeza».¹²

O grão-duque Wilhelm Ernst desesperava por ser visto no seu papel. Rogou ao Alto-comando, e mesmo ao *Kaiser*, que lhe permitisse comandar tropas, mas em vão. Não tinha, simplesmente, a experiência suficiente. Acompanhou os seus homens até à Frente Ocidental sem saber exatamente o que lá iria fazer. Quando acabou por receber a Cruz de Ferro de primeira classe confessou numa carta à sua mulher Feodora achar que «para nós, que afinal de contas nada fizemos, é demasiado».¹³ Wilhelm Ernst estava condenado a assistir enquanto os seus weimarianos derramavam sangue.

Em agosto de 1914, a vida mudou radicalmente para todos os weimarianos, desde a corte grão-ducal até às famílias comuns. Arthur Schmidt, que pretendia voltar a encontrar-se com Rosa em Alexandria para reunir a sua jovem família, verificava agora que não podia fazê-lo. A Grã-Bretanha estabeleceu um bloqueio naval para restringir o fornecimento de bens à Alemanha. A partir do outono, o Mar do Norte, o único acesso marítimo da Alemanha aos oceanos, tornou-se uma zona de guerra. A resultante falta de comida iria reclamar as vidas de mais de meio milhão de civis alemães durante os quatro anos seguintes. Em agosto de 1914, significou também que Rosa Schmidt ficava presa em Alexandria com o seu filho ainda bebé, Ernst. Os seus dois outros filhos cedo teriam de enfrentar a vida em Weimar sem nenhum dos seus progenitores. Arthur voluntariou-se para combater e foi enviado para a Frente Ocidental. Rosa estava determinada a encontrar um caminho até aos seus filhos, mesmo que isso significasse embarcar numa perigosa viagem com o seu bebé de 7 meses.

Hanns Wagner estava também convencido de que devia ajudar a defender o seu país. A aprendizagem da impressão em Jena teria de esperar. Os pais discordavam. Não gostavam de ver o seu único filho a interromper a sua educação. Aos 17 anos, ainda não era legalmente maior, mas os pais não podiam impedi-lo de frequentar um curso noturno para o tratamento de doenças e ferimentos de guerra em Jena, o que foi precisamente o que fez, enquanto continuava a

implorar aos pais que assinassem o documento de autorização. Não foi preciso muito tempo para que cedessem. A 26 de agosto, Hanns iniciou o seu treino militar em Oberweimar, logo a sudeste da sua terra natal. Apesar de «cansativo e estúpido», como lhe parecia por vezes, determinou-se a prosseguir-lo para defender a Alemanha.¹⁴

Nenhuma quantidade de prática poderia ter preparado Hanns para a selvajaria da guerra mecanizada. Em outubro, apenas algumas semanas após ter terminado a sua formação básica, o adolescente estava agachado numa trincheira meio acabada, algures entre Ypres e Menin, na Bélgica. À sua volta, explodiam repuxos de lama. Os projéteis rasgavam o ar, explodindo com um estrondo ensurdecedor ao atingir o alvo — cada barragem mais ruidosa do que a anterior. Hanns sabia que a parede letal de fogo atrás de si crescia sobre o seu patético abrigo. A artilharia britânica aproximava-se cada vez mais do seu alvo. Mas que podia ele fazer? À sua frente, os soldados inimigos aguardavam nas trincheiras, espingardas apontadas às linhas germânicas. Qualquer um que se atravessasse a rastejar para fora do muro de lama à altura do peito que bloqueava a linha de fogo arriscava-se a ser atingido. Encurralados, ninguém se mexia enquanto o ininterrupto bombardeamento se aproximava lentamente na sua direção. Hanns tinha a certeza de que a próxima barragem atingiria a trincheira. Queria viver. Lançou a mochila em volta do ombro, pegou na espingarda e trepou até ao topo.

Ignorando o ensurdecedor caos em seu redor, concentrou-se em avançar. Após algumas centenas de metros, encontrou finalmente abrigo. O corpo inchado de um cavalo jazia na paisagem arrasada e Hanns rastejou até ao mais perto que conseguiu da carcaça. Esperou. Passaram horas. Quando a noite caiu sobre o inferno da guerra, o bombardeamento diminuiu e Hanns atreveu-se finalmente a mexer-se. Abrigado pela escuridão, rastejou de regresso à sua unidade. Onde estivera a trincheira apenas há algumas horas, encontrou só a terra aberta. Sentia-se relutante em usar a sua lanterna com medo de se tornar um alvo, mas não conseguiu resistir. Tinha de saber. Durante os breves fachos de luz, vislumbrou cenas de puro terror. Membros

cortados. Bocados de carne humana. Os rostos pálidos e sem vida de rapazes que, apenas há alguns meses, tinham sido seus amigos de escola em Weimar.

O encadernador Carl Weirich não sentia qualquer pulsão para se tornar soldado. Estava atarefado a construir uma vida para si próprio e não permitiria que a guerra o impedisse. Enquanto Hanns Wagner perdia amigos e a sua juvenil ingenuidade nas trincheiras sangrentas da Frente Ocidental, Carl iniciava também um novo capítulo na sua vida. Às 15h00 de 21 de outubro de 1914, casava com a sua namorada de longa data, Friedel, na sua cidade natal de Oranienburg, logo a norte de Berlim. Era para ele uma experiência agri-doce. O seu pai, Andreas, estava gravemente doente quando conhecera Friedel pela primeira vez no verão e aprovara a união. Morreria pouco depois e «não viveu o suficiente para receber a notícia de que a Alemanha estava em guerra», anotou Carl no seu diário.¹⁵ Em tributo ao severo mas solidário pai, o casal escolheu o dia do casamento dos seus pais, 21 de outubro, para se casar.

A festa em Oranienburg era uma bem-vinda distração da guerra para muitos dos convidados que compareceram. Era difícil fugir-lhe. Embora Carl tivesse dirigido o seu novo negócio da papelaria em Weimar com suficiente sucesso para satisfazer os pagamentos mensais do crédito, o conflito militar repercutira-se na loja. As caixas decorativas em que as cartas vindas das linhas da frente podiam ser guardadas por familiares ansiosos vendiam-se bem, assim como os postais dos líderes militares vitoriosos que tinham feito avanços na Frente Oriental. Mas, em Oranienburg, tudo isso foi esquecido durante algumas preciosas horas. A boda do casamento prolongou-se até à meia-noite.

Na Bélgica, Hanns Wagner não conseguia encontrar vivalma enquanto procurava entre aquilo que restava da trincheira de onde fugira há algumas horas. A sua companhia inteira parecia ter sido varrida e não valia a pena ficar ali entre os corpos sem vida. Por isso, pôs-se a vaguear até encontrar perto um grupo de soldados de infantaria.

Juntou-se a eles precisamente quando tentavam abrir caminho através de uma floresta sob fogo constante das tropas britânicas. Hanns disparava às cegas para longe. Tiro após tiro até a espingarda ficar incandescente. Subitamente, agachou-se com a dor. Fora atingido num pé, mas, no caos da batalha, ninguém reparou. Pareceu passar muito tempo até ser finalmente encontrado por pessoal médico, já à tarde, e levado de maca ao longo de uma estrada escura. De cada vez que o grupo se encontrava debaixo de fogo, o pessoal médico largava a maca deixando Hanns no meio da estrada, imóvel e indefeso, vendo as balas a assobiar de um lado para o outro sobre a sua cabeça.

Finalmente, alcançaram um hospital militar onde Hanns foi tratado por um clínico que trabalhava à luz da vela. O rapaz sucumbiu a sonhos febris que lhe proporcionaram algum alívio da dor e do medo. Pouco depois, foi transportado de comboio até um hospital improvisado perto de Düsseldorf, onde foi tratado por um otorrinolaringologista, sem experiência nem interesse pelo tratamento de feridas abertas. O médico nunca se incomodou a mudar-lhe as ligaduras e o profundo buraco no pé depressa começou a infetar. Repousando o membro ferido num banco perto da cama para que o pus que brotava das ligaduras pudesse cair no chão, estava quase a ficar louco com a precisa regularidade do som das gotas. Cedo o indiferente médico lhe perguntou se queria a perna amputada acima ou abaixo do joelho. Hanns passou noite após noite a ouvir o pingar do seu ferimento, considerando as terríveis opções. Ainda não se conformara a passar o resto da vida com apenas uma perna, quando um médico sénior foi inspecionar o hospital. Hanns contou-lhe as suas desgraças e o médico observou o buraco infetado no pé do adolescente. Não era preciso amputar, decidiu, e ordenou que as ligaduras fossem mudadas e a ferida limpa regularmente, independentemente das faltas que houvesse. O pé de Hanns cedo começou a melhorar, fazendo com que o médico ironizasse: «Se continuares a fazer o mesmo progresso e a guerra demorar mais um bocado, afinal de contas ainda és capaz de morrer como herói pelo teu grão-duque.»¹⁶

Carl e Friedel Weirich pouco sabiam acerca da tragédia que se desenrolava nas linhas da frente. Tinham as suas próprias preocupações em Weimar. A 29 de novembro, desfrutaram juntos a sua primeira noite no Teatro da Corte. Assistiram à ópera francesa *Mignon*. Baseada no romance de Goethe, *Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister*, conta a história de um jovem numa jornada para se cultivar e encontrar uma vida com significado. Carl achou-a «maravilhosamente encenada» e ficou aliviado por a sua «querida mulher» gostar das canções.¹⁷ Foi uma bem-vinda trégua para ambos. Friedel era extremamente infeliz em Weimar, com permanentes saudades da sua terra. O marido, embora trabalhasse duramente para manter o barco à tona, tentava e não conseguia alegrá-la. De vez em quando resultava, como quando lhe comprou um bolo no seu vigésimo quarto aniversário, a 13 de novembro, e a sua mãe a visitara vinda de Oranienburg. Então, escreveu no seu diário «os rios de lágrimas de Friedel pararam de correr e mostrámos radiantemente à sua querida mãe como nos amávamos um ao outro».¹⁸ Faziam também caminhadas pelas montanhas circundantes, passando aqueles que Carl ternamente descreveu como «os momentos mais felizes da nossa vida juntos». Mas o espírito de Friedel nunca estava em sossego. Soluçando amargamente, falava da sua amada Oranienburg. Tinha saudades dos pais e dos irmãos. Carl sentia que tal era injusto. Também ele abandonara a sua cidade natal para construir uma vida nova em Weimar e esforçava-se imenso para que resultasse. Por que razão ela não poderia fazer o mesmo? «Tu és homem», chorava Friedel, «não sabes o que são saudades».¹⁹

As crianças de Weimar também viram as suas vidas suspensas. Jutta Hecker, uma menina de 10 anos, com cabelo louro ondulado e grandes olhos redondos, escutava atentamente enquanto era lida uma carta na sua sala de aula, em dezembro de 1914. Era do Dr. Glaser, o afável diretor da escola feminina Sophienstift. Com 42 anos, tinha sido um dinâmico professor. Agora, ia-se embora. Fora chamado para o serviço militar assim que a guerra rebentou e as alunas tinham feito embrulhos com roupas quentes e pequenas prendas de Natal para ele e para os outros soldados. A longa carta do Dr. Glaser era

plena de louvor e gratidão. Não viveria o suficiente para assistir ao fim da terrível guerra que o engolira a ele e à sua cidade. Morreria a 14 de novembro de 1917.

A guerra interrompeu aquela que poderia ter sido uma infância protegida de Jutta num lar de classe média. Sendo a mais jovem de três irmãos, era adorada pela sua amável mãe, Lili, e pelo seu devotado pai, Max, que trabalhava no Arquivo Goethe e Schiller desde 1900. Max Hecker descobrira uma dedicada discípula na sua filha mais nova. A rapariga ficava fascinada quando ele recitava poesia ou lhe contava histórias sobre os famosos escritores de Weimar do passado. Jutta recordaria mais tarde que na altura percebia que «existia um domínio de melodia poética que paira sobre a vida quotidiana».²⁰

Max e Lili eram ambos de Colónia e não possuíam relações sociais em Weimar. Decidiram por isso que poderiam mudar-se para os subúrbios da cidade, onde a renda seria mais barata e estariam mais perto do campo. Viviam numa das doze casas de Lindenberg, uma colina a leste do centro da cidade. Max percorria agora um curto caminho a pé até ao trabalho, passando pela casa de Altenburg onde o famoso compositor húngaro Franz Liszt vivera outrora. Jutta tinha de andar durante meia hora a descer a inclinada rua até à escola feminina Sophienstift, fundada em 1854 pela grã-duquesa Sofia de Saxe-Weimar-Eisenach para as «Filhas das Classes Superiores». A sua caminhada diária até à escola com as amigas fazia com que passasse por alguns dos sítios mais famosos de Weimar: o Ilm Park, o Schloss, a biblioteca e a cidade velha. Jutta não estranhava os uniformes, pois havia muitos oficiais a viver em Lindenberg e era amiga de muitos dos seus filhos e filhas.

Quando a guerra rebentou, a vida de Jutta mudou de imediato. Os oficiais partiram para a batalha, aplaudidos pelos seus conterrâneos de Weimar. No Natal, morreu o primeiro dos seus vizinhos de Lindenberg, deixando um filho e uma filha. Na escola, a vida mudou também. Os professores homens foram recrutados, os professores estrangeiros despedidos. A professora de francês de Jutta, Mathilde Borst, de 53 anos, teve de partir por ser de Estrasburgo, que agora fazia parte da Alemanha, mas que continuava a ser um foco de

separatistas que queriam tornar-se de novo franceses. Annie Royston, uma licenciada de Cambridge que ensinara inglês na escola de Jutta durante vinte e quatro anos, foi também despedida.²¹ As alunas tinham frequentemente de fazer trabalhos de casa em vez de ter aulas, que eram canceladas.

Depois da escola, Jutta e as outras crianças visitavam os soldados feridos no hospital militar de Weimar, apresentando peças teatrais ou canções. Recolhiam pedaços de metal e outros materiais que podiam ser reciclados ou vendidos para obter fundos para o número crescente de inválidos que regressavam das linhas da frente. Organizavam doações de livros e roupas para os soldados e de dinheiro para as suas viúvas e órfãos. Os cavalos precisavam de feno e as quintas de ajuda nas colheitas. No Natal de 1914, era perfeitamente claro para toda a gente em Weimar que não havia um fim à vista. Haveria mais dificuldades, mais sacrifícios, mais mortes.

Como a sua ferida ainda não fechara e Hanns Wagner não estava em condições físicas de regressar à frente de combate, foi autorizado a ir a casa pelo Natal, numa licença de quatro semanas. Em princípio, eram ótimas notícias, mas o que pensariam os seus pais? Estava reduzido «a pele e osso, um esqueleto a arrastar-se de muletas».²² O seu uniforme, embora limpo e escovado, estava esfarrapado. Mas estava ansioso por regressar por algum tempo à casa da sua infância, na Rollplatz, n.º 7. Teve um caloroso acolhimento dos pais, que lhe compraram um grande sapato de feltro para poder enfiar o pé enfaixado, que continuava a ter de desinfetar de três em três dias, no hospital militar de Weimar. Coxeava pelas ruas empedradas com boa disposição e ficou contente ao tropeçar em Margarete Deinhardt, uma rapariga da sua idade com quem tinha conversado durante a última dança do baile no seu último ano de escola. Tudo parecia ter sido numa outra vida. Margarete era agora voluntária no hospital militar, onde via em primeira mão o que os combates faziam aos jovens da sua terra natal. Agora, o par já não se entretinha com inconsequentes conversas de circunstância. Quando se encontraram para beber um café no movimentado Café Grenzdörffer, houve apenas um tópico: a guerra.

Os Wagner, por outro lado, eram otimistas. A guerra estava certamente ganha, diziam ao seu filho ferido. Só era de surpreender que Hanns ainda não tivesse acabado antes do Natal. Não fazia sentido que Hanns voltasse para lá. Porque não retomava a sua aprendizagem? De qualquer forma, não havia glória em se ser soldado. Hanns nem sequer era um encantador oficial, mas um mero soldado de infantaria. Os pais estavam envergonhados com o estado da sua farda e obrigaram-no a coxear até ao alfaiate para fazer uma nova. No fim, Hanns estava quase contente por regressar à frente de combate. Ele mudara e existia agora um fosso entre filho e pais que era difícil de suportar. Não regressaria a Weimar para o Natal até que a guerra acabasse.

No seu crescente desespero para vencer a guerra, as autoridades alemãs recorriam a todos os recursos humanos disponíveis, quer voluntariassem os seus serviços ou não. A 1 de maio de 1915, um grupo de novos recrutas estava a ser inspecionado. Estava um dia invulgarmente estival e fora ordenado aos homens que se juntassem na área de Webicht, uma floresta igualmente popular entre os que gostavam de caminhar e de passear os seus cães, e os pintores paisagísticos e as classes altas nas suas caçadas. Em 1911, a Associação de Weimar para o Tráfego Aéreo, um clube para os entusiastas da aviação, estabelecera aí uma pequena pista de aterragem, chamada Weimar-Lindenberg ou, mais informalmente, Noventa Acres. Era aí que Carl Weirich agora corria às voltas com os seus colegas e potenciais soldados.

Carl sentia-se quente e nauseado. O encadernador não fora feito para a vida militar. Odiara cada minuto desde que fora recrutado para a unidade Landsturm, a 21 de fevereiro de 1915. Por um lado, porque a loja dependia dele. Friedel estava a tentar substituí-lo, mas não tinha experiência como encadernadora, nem a atender clientes. Por isso, a mãe de Carl teve de ir de Eisenach para ajudar a tratar da casa, enquanto a Frau Straubel, a idosa mulher do anterior dono, concordara amavelmente em ajudar e ensinar Friedel. Mas não era fácil. Friedel contraíra uma tosse permanente que a deixava frequentemente a arfar e a sentir-se tonta. E também estava grávida.

WEIMAR, A CIDADE ALEMÃ QUE SONHOU COM UM MUNDO MELHOR E ACORDOU PARA A TIRANIA

Situada no coração da Alemanha, Weimar ocupa um lugar de destaque na história do país. Lar de algumas das maiores figuras do pensamento e da arte europeias, como Goethe, Schiller, Nietzsche e Liszt, berço da escola Bauhaus, deu o seu nome à República de Weimar e ao seu ambicioso regime democrático. Mas foi aí também que o fascismo se consolidou e o campo de concentração de Buchenwald foi construído.

Com base numa inédita e vasta pesquisa de arquivo, a aclamada historiadora e jornalista Katja Hoyer leva-nos ao período entre 1919 e 1939, para nos contar as histórias dos homens e mulheres que viveram a nova república e o regime de Hitler — desde o encadernador Carl Weirich e os hoteleiros Rosa e Arthur Schmidt, até Elisabeth, irmã de Friedrich Nietzsche. Fascistas e socialistas, artistas e operários, políticos e cidadãos que, arrastados pelos acontecimentos da História, se tornaram testemunhas, perpetradores, vítimas e espectadores.

Um retrato inesquecível de vidas e de escolhas em circunstâncias extraordinárias, *Weimar* explora tanto as convulsões políticas como o ritmo da vida diária numa cidade.

**«Katja Hoyer revela, com serena perspicácia,
como os comuns habitantes de Weimar
sucumbiram ao canto de sereia do nazismo.»**

The Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

    penguinlivros

ISBN: 978-989-589-873-2



9 789895 898732